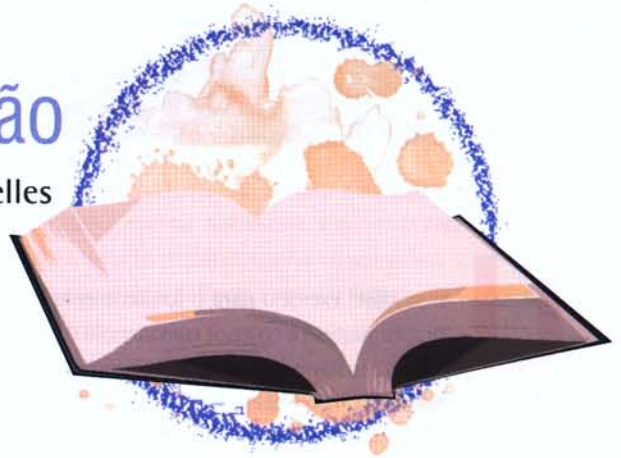


# Biblioteca Escolar: novo modelo de atuação

Por Rosana Formigoni Telles



**N**os últimos 20 anos, o papel da biblioteca escolar tem sido quase exclusivamente vinculado ao desenvolvimento de programas de incentivo à leitura. O advento da Era da Informação e do Conhecimento, em que a informação é valorizada como matéria-prima para a criação de novos conhecimentos, exige, no entanto, uma mudança de foco em relação ao seu papel.

Todos sabemos que ler é uma competência essencial à aprendizagem e será utilizada durante o decorrer de toda a vida, mas a leitura deve ser vista como meio e não como fim. Do ponto de vista do aprendizado, por exemplo, a leitura é uma das mais poderosas ferramentas de captação de informação a serviço do homem devendo por isto, ser aperfeiçoada para além da simples decodificação e compreensão.

Curiosamente, se considerarmos a proliferação de investimentos financeiros voltados ao desenvolvimento de programas de leitura em nosso país, na última década, teremos de reconhecer que a relação custo-benefício não vem dando os resultados esperados, pois os índices de evasão escolar e analfabetismo funcional continuam preocupantes. A resposta talvez esteja no fato de que precisamos parar de bater na mesma tecla. Precisamos, com urgência, de um novo modelo.

Como coordenadora da Comissão de Educação do Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo, temos conversado sobre as novas funções da biblioteca escolar e as novas responsabilidades dos bibliotecários, a ponto de lançarmos o projeto "Biblioteca Vitrine: uma parceria para ser vista", com o qual pretendemos identificar as bibliotecas escolares que se destacam por suas condições físicas, recursos humanos e informacionais, e por suas práticas de incentivo à leitura e capacitação informacional.

Como bibliotecária e educadora, acredito que os bibliotecários, os professores e os gestores escolares precisam se unir para dar um passo adiante, contribuindo para agregar valor à educação brasileira. Vivemos um momento emocionante que abrange o desafio de novos aprendizados e posturas. Neste sentido, gosto de pensar que um pouco de filosofia socrática – *Só sei que nada sei* – não faria mal a ninguém, e explico por quê.

A explosão de informações ocasiona rapidez nos avanços tecnológicos que, por sua vez, desencadeiam mudanças que induzem ao veloz e inevitável processo de obsolescência do conhecimento. Além disso, é importante ter em mente que o nosso público-alvo principal é composto por nativos digitais e nós – bibliotecários, professores e gestores – somos, quando muito, *migrantes digitais*. Um desafio e tanto a ser encarado pelas escolas. É preciso criar novos sistemas de relacionamento interpessoal, por meio de aprendizagem em grupo,

nos quais professores e alunos tornem-se pesquisadores e dividam o espaço da biblioteca, aprendendo e vivenciando novos e criativos processos. Eis a minha justificativa para o uso de uma pequena dose de filosofia socrática: humildade para sair do patamar daquele que ensina para se juntar à enorme parcela de nativos digitais que, entusiasmados com as novas tecnologias de informação e comunicação, seguem aprendendo com rapidez fantástica.

O engajamento em processos de aprendizagem continuada, nos quais o indivíduo tem a chance de se tornar aprendiz autônomo, parece ser a única garantia de sucesso. Ler é preciso, mas o passo adiante envolve interpretação e criação de novos conhecimentos. É preciso ler e entender textos em todos os formatos – impressos, eletrônicos, digitais – e nos diversos contextos. Somos leitores de gestos, expressões, culturas, manifestações da natureza, etc. Lemos com os olhos, com o coração e com os outros sentidos. Ler implica apreender a vastidão do mundo. Ler é, em última instância, um intenso e apaixonante processo de captação de informação.

Atualmente, consumimos informação da mesma maneira com que ingerimos alimento, compramos vestuário e tudo o que estiver disponível em nossa voraz sociedade de consumo. Entretanto, parece que somos mais exigentes e conscienciosos quando consumimos bens materiais: estamos mais preocupados com o impacto do lixo e da poluição sobre o meio ambiente do que com os efeitos devastadores do lixo informacional sobre a mente humana. Na nossa tradição, o processo de ensino-aprendizagem voltado à avaliação de aquisições é função de pais e familiares. Já o *consumo consciente de informação*, por outro lado, deve ser aprendido na escola, onde os profissionais envolvidos trabalhem em parceria para desenvolver e implantar *programas de capacitação informacional* sólidos e consistentes.

## BIBLIOTECA ESCOLAR COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

De acordo com Peter Senge, "As organizações que valorizam o aprendizado são mais criativas, ágeis e flexíveis. O conhecimento compartilhado em grupo promove o desenvolvimento individual, enriquece a organização e confere embasamento e fluidez na busca de seus objetivos" (SENGE, 1990). Apesar de voltada para o ambiente organizacional, a afirmação se aplica perfeitamente e por razões ób-



vias às instituições educacionais e causa impacto direto no papel da biblioteca escolar.

Além de atender às necessidades básicas de armazenamento, cumprir a função de oferecer acesso confiável às fontes de informação, apoiar seus usuários no processo de aprendizagem e desenvolvimento da leitura, a biblioteca passa a atuar como o centro de informações acessíveis e compartilhadas por todos.

O espaço deve ser planejado de forma a oferecer flexibilidade e acomodar locais para estudo individual e em grupo, laboratórios de pesquisa on-line, salas de reuniões, salas equipadas com recursos audiovisuais, assim como espaços para leitura, eventos e exposições de trabalhos elaborados por alunos. Esses lugares inteligentes devem contemplar configurações que sejam sustentáveis e façam sentido nos aspectos social, econômico e cultural.

Esses centros de aprendizagem, que acolhem e favorecem a formação de redes humanas engajadas no processo contínuo de aprendizagem, tornam-se necessários em caráter prioritário. A presença de uma biblioteca efetiva e atuante agregará valor à instituição, e esta, por sua vez, despertará o entusiasmo e consequente apoio dos pais, fazendo com que os alunos se orgulhem de pertencer a tal comunidade de aprendizagem.

### BIBLIOTECA ESCOLAR COMO MATÉRIA CURRICULAR

A Biblioteca deve ter a mesma importância das matérias especiais: Arte, Música, Informática, etc. O ideal é que os alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental tenham a oportunidade de visitar formalmente a biblioteca uma vez por semana, por um período de 45 minutos para os alunos do Ensino Fundamental e 30 minutos para os da Educação Infantil. O horário fixo para visitas semanais à biblioteca precisaria fazer parte da grade curricular.

Durante estes períodos, os alunos ficariam a cargo do bibliotecário, que daria andamento ao programa de capacitação informacional – no qual os estudantes a partir da primeira série do Ensino Fundamental aprendem a utilizar o catálogo eletrônico para localizar informações e recebem orientação sistemática sobre técnicas de pesquisa. Os alunos da Educação Infantil, além de participarem da "hora do conto", são iniciados nos fundamentos da capacitação informacional,

sempre em sincronia com os temas ensinados em sala de aula. Para os professores, este se tornaria um período de planejamento.

Para cada grupo será disponibilizado o tempo necessário para a seleção dos livros, revistas, CDs ou DVDs que queiram emprestar da biblioteca. A oportunidade de frequentar semanalmente este espaço do saber, que abriga informações sobre todas as descobertas do ser humano desde o início das civilizações, torna-se um fator motivador decisivo para incentivar o interesse não só pela leitura, mas pelo aprendizado.

### O BIBLIOTECÁRIO COMO EDUCADOR

Também aqui o foco precisa mudar. Acostumado ao isolamento imposto pelo imenso volume de trabalho que caracteriza os processos de classificação, catalogação e processamento técnico em geral, o bibliotecário é chamado a participar ativamente das reuniões pedagógicas e eventos culturais da escola, assumindo para si a responsabilidade de gerir a biblioteca como agência educadora valiosa dentro da instituição de ensino.

O ideal seria alcançarmos um estágio de organização em que as fichas catalográficas em formato Marc pudessem ser adquiridas juntamente com os livros, a preço mínimo. A partir de parcerias realizadas entre os editores que atuam nos diversos nichos de mercado, bancos de dados seriam organizados de acordo com critérios definidos por bibliotecários para atender às necessidades específicas de cada segmento: infanto-juvenil, jurídico, médico, etc. Assim, o bibliotecário teria tempo disponível para:

- Participar de reuniões pedagógicas;
- Participar da construção do currículo da escola;
- Integrar as atividades da biblioteca com o currículo e eventos da escola;
- Desenvolver o acervo de acordo com as necessidades curriculares;
- Elaborar currículo integrado de capacitação informacional, extensivo a todos os alunos;
- Utilizar suas competências informacionais para criar experiências significativas de aprendizagem;
- Criar clima propício para facilitar comunidades de aprendizagem;
- Colaborar e desenvolver parceria com os professores.

Uma vez estabelecida parceria entre professores e bibliotecários, inicia-se o processo de instrução integrada, no qual professor e bibliotecário se reúnem para planejar, implantar e avaliar os trabalhos de pesquisa. Este é o momento em que as fontes disponíveis na biblioteca serão avaliadas e, caso sejam insuficientes, o bibliotecário se encarregará de adquirir mais material relevante à área de estudo. Trabalhando juntos, bibliotecário e professor sensibilizarão os alunos para que a informação seja vista como matéria-prima para a geração de novos conhecimentos, orientando quanto ao uso da informação e abrindo uma imensa gama de oportunidades de aprendizagem que pode se estender desde a importância do trabalho em equipe – que acolhe a diversidade de pontos de vista – até as questões éticas, com relação ao plágio, e de confiabilidade relativa às fontes utilizadas.

O bibliotecário será também responsável por sinalizar e decorar a

biblioteca de modo a reforçar os conceitos aprendidos nos encontros semanais. Todo o apoio necessário deverá ser dado ao usuário para que o sistema de organização utilizado seja o mais simples e lógico, propiciando a ele a chance de entendimento. Não podemos mais partir do princípio que a ordem organizacional é tão complicada a ponto de não ser entendida pelas crianças. Qualquer um se surpreenderia com a facilidade por elas demonstrada para entender a lógica do Sistema de Classificação Decimal de Dewey e de naturalmente colaborar.

Se conseguirmos transmitir aos alunos as competências necessárias para lidar de forma eficaz com a informação, se colaborarmos para torná-los capazes de navegar sem ansiedade pelo imenso mar de conhecimento civilizatório contido na biblioteca e na Internet em busca de informação de interesse próprio, teremos alcançado o objetivo esperado: proporcionar ao indivíduo autonomia na busca de informação e familiaridade com o processo de pesquisa.

Trata-se de uma mudança de paradigma que proporcionará, no mínimo, a satisfação de vermos os alunos chegarem às universidades sem o estigma da "ignorância informacional", ou seja, sem a menor ideia de como utilizar uma biblioteca para acessar e fazer bom uso da informação para o embasamento de trabalhos científicos.

A reversão do cenário atual das bibliotecas escolares deve ser vista como uma ação de responsabilidade social, pois uma coisa é certa: sem a inclusão informacional todas as outras inclusões – tecnológica, social e cultural, tão em moda atualmente – ficarão ameaçadas.

## Referências bibliográficas

- AMERICAN Association of School Librarians. Information power: building partnerships for learning. Chicago: American Library Association, 1998.
- AMERICAN Association of School Librarians. Standards for the 21st-century learner. Chicago: American Library Association, 2007.
- BIBLIOTECA Escolar: Proposta para implantação de um sistema de informação no ensino público municipal. São Paulo: Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo – 8a. Região, 15a. gestão, Comissão de Educação, 2009.
- CAMPello, Bernadete Santos. Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- SEMINÁRIO de Informação Corporativa, I, 2003, São Paulo. O espaço como coadjuvante na gestão do conhecimento: uma visão estratégica. São Paulo: USP, 23 a 24/10/ 2003.
- SENGE, Peter M. A quinta disciplina: arte, teoria e prática da organização de aprendizagem. São Paulo: Best Seller, 1990.



Foto: Denis de Brong Maitter

Rosana Formigoni Telles é bibliotecária, presta consultoria para a implantação de programas de capacitação informacional em bibliotecas escolares e é coordenadora da Comissão de Educação do Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo (CRB-8).

E-mail: rosanatelles11@gmail.com

## UM ANTÍDOTO PARA A BAIXA QUALIDADE DE ENSINO

"As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas". Trata-se do artigo 10 da Lei 12.244 sancionada em maio pelo presidente da República. A primeira reação foi de espanto: 'Como assim, as escolas não têm bibliotecas?' Não, não têm bibliotecas e as poucas que têm instalações não possuem profissional habilitado. Assim, esta nova lei também determina (artigo 30) que seja "respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis nºs 4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998", as quais dispõem sobre a profissão e regulam seu exercício.

Lobbe Neto (PSDB/SP), autor do projeto de lei, afirmou que atendeu a uma reivindicação do Conselho Federal e do Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo. "Essa proposição vem ao encontro do incentivo à leitura e a projetos culturais e educacionais que precisamos implementar", defendeu, antecipando que o prazo de dez anos para que a lei seja cumprida talvez não seja necessário. "A própria sociedade, os alunos e a comunidade escolar vão cobrar", prevê o deputado.

As pesquisas em Educação demonstram a baixa qualidade do ensino no Brasil. O Ideb – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica que atribui notas de zero a dez às escolas – aponta que a nota média no Ensino Fundamental I é de 4,2 e no Ensino Fundamental II é de 3,8. Em 2008, mais de um milhão de crianças foram reprovadas no ciclo de alfabetização.

Considerando a população brasileira, segundo o Inaf, 74% são analfabetos funcionais. São indivíduos com menos de quatro anos de estudos completos que leem e escrevem frases simples, mas são incapazes de interpretar e colocar ideias no papel. O estudo "Retratos da Leitura no Brasil", organizado pelo jornalista Galeno Amorim, apontou que o brasileiro lê em média 1,3 livros ao ano. Esta precariedade coaduna com o número de bibliotecas públicas segundo o primeiro censo nacional, encomendado pelo MinC à Fundação Getúlio Vargas: 2,67 bibliotecas por 100 mil habitantes no Brasil. O Estado de São Paulo, o mais rico da federação, tem 51 municípios sem uma biblioteca sequer e está abaixo da média nacional: 2,12 bibliotecas por 100 mil habitantes. Já a cidade de São Paulo tem uma média ainda menor de 1,62 bibliotecas por 100 mil habitantes.

Esse panorama não surpreende entidades como o Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo que há anos trabalha para inserir os bibliotecários no contexto educacional ciente de que a biblioteca escolar ajudará na formação de estudantes, pesquisadores autônomos e cidadãos bem informados. Ajudará a despertar leitores para toda a vida tornando-os pessoas mais conscientes e melhores profissionais. Em parceria com os professores, os bibliotecários irão elaborar o projeto pedagógico de cada instituição, respeitando suas características e metas. Assim, vamos agir com responsabilidade social para tornar o Brasil uma nação ética e sustentável.